

CAÇADORES DE BONS EXEMPLOS

CAÇADORES DE BONS EXEMPLOS

EM BUSCA DE
UMA FRATERNIDADE
SEM FRONTEIRAS





CAÇADORES
DE BONS EXEMPLOS

CAÇADORES DE BONS EXEMPLOS

EM BUSCA DE
UMA FRATERNIDADE
SEM FRONTEIRAS

Copyright @Caçadores de Bons Exemplos Ltda
Todos os direitos reservados

FOTOS E TEXTO
Iara Xavier
Eduardo Xavier

POESIA
Bráulio Bessa

REVISÃO DE TEXTO
Sibelle Pedral

COORDENAÇÃO EDITORAL, PREPARAÇÃO
E PROJETO GRÁFICO
Laura Fleury
Letícia Nascimento
Patrícia Fanaia

IMPRESSÃO E PRODUÇÃO GRÁFICA
Gráfica e Editora O Lutador
Belo Horizonte – MG

FICHA CATALOGRÁFICA

Xavier, Eduardo; Xavier, Iara (2019)
Caçadores de bons exemplos: em busca de uma fraternidade sem fronteiras / Iara Xavier,
Eduardo Xavier; Produzido independente por Caçadores de Bons Exemplos; introdução
com poesia de Bráulio Bessa.
Belo Horizonte: Gráfica O Lutador, 2019.
260p.

ISBN 978-85-93410-01-7

1.Cidadania-Brasil. 2.Cidadania-Mundo. 3.Cidadania-Africa. 4.Participação social.
5-Voluntariado. 6-Inclusão Social. 7-Fotografia. 8-Artes.

I. Xavier, Eduardo (Eduardo Silhetes Ferreira Xavier); Xavier, Iara (Iara Gracielli Xavier
Silhetes)

II. Caçadores de Bons Exemplos: em busca de uma fraternidade sem fronteiras

CDD 000.770.370. CDU 77.134.3 (36)

**100% DO LUCRO DA VENDA DESSE LIVRO SERÁ DESTINADO A DOAÇÃO
PARA A ONG FRATERNIDADE SEM FRONTEIRAS**

SUMÁRIO

CHORE PELAS DORES DO MUNDO

pg.10

NÃO PODEMOS ACEITAR ISSO

pg.40

NOSSO LAR É ONDE NOSSO CORAÇÃO POSSA ESTAR

pg.68

IRMÃOS – LEVAR AS NOSSAS MÃOS EM DIREÇÃO AO OUTRO

pg.94

ESCOLA DA VIDA

pg.128

QUE MUNDO VOCÊ VIVE?

pg.190

UM MOVIMENTO DE AMOR

pg.220

SIM E FIM

pg.244

HERÓIS DA VIDA REAL

BRÁULIO
BESSA

Eu acredito em heróis
de carne, osso e suor.
Heróis que acertam e que erram,
heróis de uma vida só,
heróis de alma e de corpo
que um dia vão virar pó.

Os verdadeiros heróis
vivem histórias reais,
não são estrelas famosas,
não estampam os jornais,
são como eu e você,
seres humanos mortais.

É aquele professor,
que ensina um aluno a ler.
É alguém que mata a fome
de quem não pode comer.
Herói é quem faz o bem
sem nenhum superpoder.

É aquele que trabalha
todo dia honestamente,
o agricultor no campo
debaixo de um Sol quente,
o médico no consultório
salvando seu paciente.

É um bom policial
arriscando a própria vida
pra que a sociedade
esteja bem protegida,
um voluntário na guerra
distante de sua terra
cuidando de uma ferida.

É quem dá um bom conselho
a quem tá desesperado,
é quem indica um emprego
pra qualquer desempregado,
é quem simplesmente abraça
quem tem que ser abraçado.

Herói é o diferente
que luta por igualdade,
é quem cobra dos políticos
respeito e honestidade,
é quem enfrenta a mentira
com o poder da verdade.

Não espere por medalhas,
homenagens de ninguém.
A consciência tranquila,
de que você fez o bem,
é muito mais valiosa
que os aplausos de alguém.

Pra ser um super-herói
não é preciso voar,
tampouco ser imortal.
Essa vida vai passar
e é cada gesto seu
que vai lhe immortalizar.

Herói sou eu, é você,
é essa gente do bem,
que peleja todo dia
para se salvar também.
Que entende que a união
talvez seja a solução
e que isso nos conforte.
Que esse povo unido
consciente e destemido
é um herói bem mais forte.

SEJA A MUDANÇA QUE VOCÊ QUER VER NO MUNDO

Somos um casal brasileiro que cansou de ouvir notícias ruins e resolveu tomar uma atitude. Sem patrocínio, sem nenhum vínculo religioso ou político, vendemos tudo o que tínhamos e partimos em uma viagem em busca de bons exemplos. De pessoas que fazem a diferença na comunidade onde vivem.

No caminho, deparamos com uma força muito maior do que poderíamos ter antecipado: aquela que nasce no coração de pessoas verdadeiramente apaixonadas por fazer o Bem e que nos permite enxergar um mundo que dá certo.

Estamos há oito anos na estrada, sempre movidos pelo desejo de descobrir e revelar, uma sociedade mais humana e mais ativa na construção de um mundo melhor para todos. Já percorremos mais de 805 mil quilômetros (isso equivale a vinte voltas ao redor da circunferência do planeta Terra) e catalogamos mais de 1.700 projetos sociais. Isso nos levou a acreditar que existem muito mais ações positivas do que negativas no mundo.

Nosso primeiro contato com a Fraternidade Sem Fronteiras veio por meio de um convite: fomos chamados a contar nossa história no II Encontro Fraternidade Sem Fronteiras, em Campo Grande / MS, cujo tema era: “Seja a mudança que você quer ver no mundo”. Conhecíamos milhares de projetos no Brasil, mas não esse.

Nosso primeiro pensamento foi: Uau! Essa é a frase que mudou a nossa vida.

Quando ouvimos essa frase de Gandhi pela primeira vez, decidimos que era hora de parar de falar de problemas e buscar as soluções; de tirar o bumbum do sofá e colocar a mão na massa. Tínhamos que parar de ser espectadores e nos tornarmos personagens da transformação que tanto queremos neste mundo.

Disse para o Dudu: “Tudo a ver com o nosso projeto!”

No entanto, estávamos vivendo um conflito interno muito grande: por que as pessoas ajudam a África, se no Brasil temos tanta pobreza?

Dormimos com aquele convite. Quando acordei, virei para o Dudu:

“Ah, sei lá. Será que existem mesmo fronteiras, ou isso é apenas uma invenção do homem para exercer mais poder? Se todos nós somos seres humanos e estamos vivendo no planeta Terra, nossa casa é uma só. Acho que também deveríamos visitar projetos fora de nosso país.”

“Que é isso, amor?”, me respondeu Dudu. “Você está dormindo ainda. Não está falando nada com nada. Decida: ou vamos ficar no Brasil ou vamos para outros países.”

Argumentei: “**Por que temos sempre que excluir algo? Ajudar o Brasil OU a África. E se fizéssemos as duas coisas? Ajudarmos o Brasil E a África!** Ficamos em nosso país, valorizando o nosso povo, mas também poderíamos fazer microexpedições para outros países e valorizar outros povos, que também são nossos irmãos... Lembra do convite para o evento da Fraternidade Sem Fronteiras? O que será? O nome é bem sugestivo para a reflexão que estamos fazendo neste momento, né?”

Resumindo: topamos.

O que não esperávamos é que nos apaixonáramos pela Fraternidade Sem Fronteiras. Conhecer aquele movimento lindo, sentir aquela

energia, nos fez querer entender, e principalmente vivenciar, o projeto na África.

Afinal de contas, precisamos estar abertos para mudarmos sempre a rota da vida, não é?

Fomos para o continente africano e decidimos partilhar essa nossa vivência com vocês. Para isso, escrevemos um livro, escrevemos, escrevemos, mas no final nenhuma palavra foi capaz de traduzir o que sentimos.

Fizemos então outro livro só de fotos; queríamos que vocês se sentissem dentro das fotografias. Mas também não ficamos satisfeitos.

Na verdade, precisávamos que vocês entendessem como foi essa transformação do nosso olhar. Como decidimos ajudar outros países além do Brasil.

Portanto, esse livro não é o nosso diário, não é um depoimento de uma pessoa nem de várias pessoas. Esse livro é um diálogo, um bate-papo nosso, do casal Caçadores de Bons Exemplos, com o Wagner Moura, fundador do projeto Fraternidade Sem Fronteiras. Uma conversa para resgatarmos como esse projeto lindo começou.

Aí vocês devem estar pensando: “Por que colocaram fotos?”

Ahhhh. **As fotos são para vocês sentirem e olharem dentro dos olhos das pessoas que passaram pelo nosso caminho. Elas nos fizeram entender que não existem fronteiras para vivenciar o verdadeiro amor!**



CHORE
PELAS **DORES**
DO MUNDO

SENTADOS NO CHÃO DE UMA CASINHA DE MADEIRA

com telhas barulhentas de amianto, ao som do vento que assoviava lá fora, perguntamos ao Wagner:

Por que ajudar a África, sendo que temos tantas "Áfricas" no Brasil? Como tudo isso começou?

E ele começou a nos contar detalhadamente sua história de vida:

"São coisas que vão aparecendo; você vai ressignificando sua vida ao longo do tempo, mas o que me vem à memória, e tem a ver com o projeto hoje, é um acontecimento de 11 ou 12 anos atrás.

Meus pais tinham se separado e eu me lembro de sair triste, caminhando pela rua do meu bairro, sozinho.

Uma hora comecei a chorar. Interessante que,

naquele momento, uma voz interior dizia: "Você está chorando porque os seus pais se separaram? Isso não é motivo. Chore pelas guerras do mundo", e de fato estava tendo guerra na época. Ou ainda dizia: "Chore pela fome do mundo", e coincidiu com uma campanha, não sei se era *We are The World*, falando sobre a fome na África, e naquele momento eu comecei a chorar. Eu estava triste, tinha que chorar por alguma coisa, e chorei mentalizando as guerras e a fome do mundo.

Esse foi o meu primeiro contato com a questão humanitária, e isso me chama a atenção até hoje, porque eu era uma criança de 11 ou 12 anos chorando pelas guerras do mundo e pela fome na África. Já na adolescência, eu não me "encaixava", a ponto de até meu irmão dizer: "O Wagner era esquisito". Eu não gostava do que as pessoas gostavam. Os meninos iam para festa, eu até tentava acompanhar, mas alguma coisa não fazia muito sentido naquele movimento juvenil. Às vezes eu ia caminhar sozinho, olhava para as estrelas, sentava no meio-fio, chorava... Não sei se foi uma depressão, mas alguma coisa não encaixava, e isso foi persistindo. Interessante que em determinado momento, na juventude, o que fazia sentido para mim era o trabalho social, humanitário, estar junto de pessoas muito simples e passando necessidade.

Em uma época eu me lembro de ter assistido a um documentário sobre o trabalho do Chico Xavier que ajudava milhares de pessoas dando um pouquinho para cada uma, e pensei: "Nossa, é isso o que eu quero para a minha vida, eu quero ajudar pessoas".

Então, sob a inspiração de Chico Xavier, pro-

curei grupos na periferia de Campo Grande e encontrei jovens que acordavam de madrugada, no domingo, para ajudar moradores da favela. Achei aquilo extraordinário: jovem acordando domingo de madrugada para ajudar pessoas? Era aquilo que eu queria para a minha vida!

Comecei a trabalhar nas regiões mais pobres de Campo Grande. A partir daí, todo final de semana eu participava de algum trabalho social. Aquilo, sim, fazia sentido para mim; me ajudava naquela busca, naquela dor (de sempre), preenchendo um vazio existencial.

Passei por vários trabalhos na periferia de Campo Grande, contribuí para fundar outros, só que aconteceu algo interessante: depois que as coisas estavam mais ou menos encaminhadas, que entravam numa rotina, voltava o vazio, e eu saía em busca do próximo trabalho. Aos sábados, comecei a visitar pessoas em leitos de hospital, pessoas que não conseguiam nem levantar. Eu conversava com elas, fazia uma prece, oferecia a minha presença. Aquilo também me trouxe paz. Mas daí a pouco a dor voltava, para em seguida se estabilizar e retornar novamente com força total, até um ponto em que eu disse a mim mesmo: "Bom, até hoje eu ajudei trabalhos sociais. Será que isso não é um chamado para eu montar um trabalho?"

Foi o que eu fiz. Tentando descobrir o que deveria ser esse trabalho, visitei uma das regiões mais pobres de Campo Grande, área de invasão, o Jardim Taianá. Passando por uma rua esburacada do "bairro", com barracas de lona dos dois lados, encontrei uma senhora dando uma bronca em uma criança. Do nada, impulsivamente, decidi fazer uma proposta a ela.

"Olha, a senhora não gostaria de fazer um trabalho aqui? Sei lá, a gente arrecada legumes no CEASA, faz um sopão, uma palestra para as crianças, para as mães... O que a senhora acha?"

Era uma mulher muito simples, que me ouviu atentamente e falou:

"Olha, meu filho, é a coisa que eu mais quero na vida, só que eu não tenho dinheiro para comprar. Então, se você trouxer os legumes, eu faço a sopa."

Naquele momento criamos um vínculo. Prometi a ela que voltaria em duas semanas para começarmos. Assim foi; conversei com vários amigos e arrecadamos trinta caixas de alimentos doados pelo CEASA. A mulher juntou mais de trinta voluntários e demos início ao trabalho debaixo de um jatobá, porque a casa dela era de lona. Sob outro jatobá ali perto, juntamos as crianças.

Foi assim que nasceu o grupo Amizade. Depois de um ano, já tínhamos muitos voluntários e atendíamos mais de 100 famílias; vivia cheio, era lindo o trabalho de apoio àquela comunidade. Porém, a dor voltou, e voltou mais avassaladora, de tal forma que às vezes eu achava que eu estava louco, que devia ter algum problema grave. Nesses momentos, sempre me vinha à cabeça aquela experiência de quando era adolescente, de chorar pelas crianças na África, que passavam extrema necessidade. De um jeito ou de outro, a África sempre vinha à minha mente e eu chorava.

Acordava bem cedo, abria os olhos às cinco horas da manhã e chorava até as seis. Quietinho, para a esposa não ficar preocupada, e assim foi por muito tempo. Então, depois de um

ano, com o posto de assistência montado e funcionando bem, um dia olhei para o céu com uma dor imensa na alma, carregando dois baldes de sopa, um em cada mão, e, chorando, conversei com Deus. Falei para ele:

"Senhor, então eu vou para a África."

Até aquele momento, eu já tinha negado muitas vezes essa ideia. Dizia a mim mesmo: "Wagner, o que você está pensando? **Que negócio é esse? Aqui tem tanta dificuldade. Por que você quer ir para a África, com tanta pobreza no Brasil? Isso deve ser uma perturbação, não está certo!**" **Mas chegou o dia em que eu enfim me rendi.**

Antes de realizar essa missão, eu tinha muita coisa para resolver. Para começar, eu não tinha tempo; trabalhava muito, era representante de dez empresas, então não dava, simplesmente não dava. Eu sabia, de maneira intuitiva, que teria que me dedicar à África. O jeito, então, seria mudar a minha vida. Tomei a decisão internamente e isso me trouxe uma certa paz.

Interessante que, depois de um mês, eu estava em Cuiabá, na casa do meu irmão mais novo, o Wender, que era funcionário de uma empresa, quando ele virou para mim e falou:

"Mano, vamos abrir uma empresa?"

Na fração de segundo depois de ele ter feito a pergunta, eu não sei dizer o que foi aquilo, mas vi tudo o que aconteceu até hoje. Não sei explicar, é algo muito forte. Tenho vontade de chorar só de lembrar aquele momento. Vi milhares de crianças sendo ajudadas. Vi um movimento, um sonho, uma junção de tanta coisa! Não disse nada daquilo para o meu irmão, mas concordei na hora.

"Vamos, mano, vamos abrir."

Vendi meu único bem, minha casa, por 60 mil reais. Meu irmão fez a mesma coisa com a casa dele, que valia mais ou menos isso. Com o capital, montamos, lá em Cuiabá, uma pequena empresa de produtos hidráulicos e elétricos. Um ano e meio depois, eu abri outra empresa pequena, em Campo Grande. Demorou de dois anos e meio a três anos para eu tirar o meu primeiro pró-labore dessa pequena empresa.

A primeira coisa que fiz foi pesquisar qual a região mais pobre do mundo onde se falava a língua portuguesa, porque eu não falo inglês nem francês. Encontrei Moçambique, que era o terceiro pior IDH [Índice de Desenvolvimento Humano, um indicador de qualidade de vida] na época e possuía milhares de crianças órfãs, segundo o estudo. Pronto, era para lá que eu iria. Comprei a passagem sem conhecer ninguém. Quando cheguei a Moçambique foi como se eu estivesse em casa, chegando em uma terra conhecida.

Minha primeira providência foi procurar outros brasileiros que pudessem me recepcionar e me levar para conhecer as regiões mais desafiadoras, que seriam as aldeias. Porém, no meu terceiro dia no país, eu ainda não tinha saído de Maputo, a capital, porque os voluntários que encontrei tinham compromissos e eu não conhecia ninguém. Comecei a me sentir angustiado porque eu estava em busca de algo muito profundo da minha alma e não tinha encontrado até então. Uma noite, tive um monte de pensamentos ruins. Tudo aquilo que tinham me falado antes da viagem veio à tona: "O que

você vai fazer na África? No Brasil tem tanta pobreza. Eu acho que é vaidade sua", e esse ponto reverberava dentro de mim. "Vaidade sua. Você quer aparecer, é isso o que você quer. Compre a tua passagem para amanhã e some daqui."

Aquele grito dentro da minha alma me levou a muitas reflexões. Durante toda a minha vida eu vinha buscando algo que não sabia o que era. Naquele momento, fiquei desesperado. Mais uma vez, recorri à oração, à minha conversa com Deus. "Senhor, eu também não sei o que eu vim fazer aqui, mas é uma busca muito íntima, o Senhor sabe..." – eu já estava em prantos – "...sabe da honestidade dessa minha busca." Com a prece, eu fui me acalmando, fui pacificando o meu espírito. A presença sagrada da espiritualidade de Deus suavizou meu coração, melhorou a respiração. Senti paz, o medo foi sumindo e uma voz, no fundo da alma, dizia: "Está tudo certo, continue". Senti um amparo espiritual.

No dia seguinte, acordei e fui tomar o café da manhã no hotel. O garçom que estava servindo ali veio conversar comigo, muito simpático. Eu não tinha tido muitas conversas assim, pelo contrário: as pessoas no país me contavam coisas que me davam certo medo. Lembravam que tinha havido uma revolução em Moçambique; falavam de gente que tinha entrado por umas vielas e jamais retornou. Me contaram também de rituais de vida e morte: a pessoa chegava a uma aldeia sem ser chamada e os moradores cortavam o pescoço de uma galinha; a direção do jorro de sangue é que definia se o visitante poderia ficar ou não. Comentei sobre essas histórias com o garçom e falei, meio brin-

cando, meio a sério:

"Amigo, será que se eu, branquinho assim, entrar nas comunidades..."

O garçom começou a rir.

"Imagina, ainda mais você sendo brasileiro! Os moçambicanos adoram os brasileiros", ele me tranquilizou.

Resolvi pedir a ele que me levasse a alguma comunidade.

"Seria um prazer! Eu fico aqui até meio-dia, mas depois estou à disposição, posso te apresentar as comunidades, as aldeias. Seria um prazer para mim."

Foi assim que comecei a conhecer a periferia de Maputo e, principalmente, as aldeias. Nelas, encontrei, realmente, um grande número de crianças órfãs cujos pais morreram pelo HIV, pela malária. Crianças que não comiam todos os dias, ou só uma vez só por dia, e só o milho moído, chamado chima. Crianças que não estudavam porque não tinham condições de comprar um lápis, um caderno, muito menos um uniforme. As pessoas tomavam água suja, tirada do leito de rios.

Voltei para o Brasil decidido a criar um trabalho para ajudar as crianças na África. Como eu já tinha uma experiência positiva aqui, essa ideia nem pareceu tão louca. Chamei vários amigos e fundamos a organização Fraternidade Sem Fronteiras. Depois de oito meses de trabalho, levantando fundos por meio de eventos – fizemos um almoço para 1 mil pessoas – peguei 25 mil reais, coloquei no bolso e voltei à África para ajudar as crianças. Aconteceram muitas coincidências lindas. Na primeira viagem, eu tinha conhecido uma pessoa que, sou-

be depois, era presidente de uma ONG de Maputo. Na véspera da segunda viagem, eu já estava com o dinheiro e com a passagem comprada quando essa pessoa entrou em contato comigo e perguntou:

"Você não vai vir de novo para Moçambique?"

Eu disse: "Olha, eu estou indo na semana que vem!"

"Wagner, então você vai ficar no meu apartamento, faça questão!"

Eu sabia que ela tinha acabado de terminar um casamento e achei o momento delicado para aceitar o convite. Mas ela não me deixou nem falar. No sábado foi me buscar no aeroporto e me levou até o apartamento, mas tinha uma surpresa para mim.

"Wagner, eu tenho que te pedir desculpas, porque preciso viajar amanhã, mas fique tranquilo, vou deixar a chave do meu apartamento com você." Ela então me explicou o motivo: "Eu deveria ter viajado semana passada com uma amiga muito querida, e tinha prometido a ela que iria, só que houve um problema e ela não pôde viajar, vai ter que ir amanhã. Não posso voltar atrás."

Eu entendi, apoiei minha amiga e agradei. Conversa vai, conversa vem, perguntei para onde iriam. Detalhe: essa pessoa não sabia o que eu tinha ido fazer de novo em Moçambique nem que eu tinha uma fundação no Brasil. Ela me explicou:

"Essa amiga está muito preocupada, Wagner, porque ela é daqui de Maputo, mas remanescente de uma aldeia onde tem muitas crianças órfãs."

Mal podia acreditar. Era exatamente o meu

foco: crianças órfãs das aldeias moçambicanas. Será que eu podia acompanhá-la?, perguntei, agradecendo a Deus por aquele presente.

"Claro, será um prazer, e ela também vai adorar. Vamos sim!" Viajamos no dia seguinte para a aldeia de Barragem, onde, de fato, havia um grande número de crianças órfãs. Ali decidi iniciar meu primeiro trabalho na África. Fui para ficar 25 dias. Nesse período, organizamos a fundação, uma espécie de creche, um centro de acolhimento. O dinheiro que eu tinha levado era suficiente para manter 35 crianças durante seis meses, mas logo de cara já recebemos 70, todas órfãs de pai e mãe.

E FOI ASSIM QUE TUDO COMEÇOU NA ÁFRICA.





CHORE
PELAS GUERRAS
DO MUNDO



CHORE PELA FOME DO MUNDO

**É ISSO QUE EU QUERO PARA
MINHA VIDA. EU QUERO
AJUDAR AS PESSOAS.**



AS PESSOAS
TOMAVAM ÁGUA
SUJA, TIRADA DO
LEITO DE RIOS.







**“ENCONTREI UM
GRANDE NÚMERO
DE CRIANÇAS
ÓRFÃS.”**











"A primeira coisa que fiz foi pesquisar qual a região mais pobre do mundo onde se falava a língua portuguesa."



**NÃO PODEMOS
ACEITAR ISSO**

HÁ 8 ANOS VIVEMOS EM CONTATO PERMANENTE COM A MISERABILIDADE.

Visitamos projetos em várias comunidades pobres e lixões. Testemunhamos situações de extrema pobreza em todos os estados brasileiros. No entanto, nunca havíamos visto o que encontramos em Madagascar.

Um grande número de crianças extremamente sujas, com roupas rasgadas, camisas de adultos arrastando no chão.

Certo dia, entrei no galpão onde um grupo de voluntárias separava roupas doadas para iniciar a distribuição. Estava com os olhos na câmera, filmando e fazendo meu trabalho, quando de repente vi pela lente a luta de Márcia, uma das voluntárias, para retirar a camisa de uma criança. Não acreditei!

O que era aquilo??? Não conseguia acreditar. Tinha tanto tempo que a criança estava com aquela camiseta que ela havia crescido e sua cabeça não passava pela gola.

O visor da câmera embaçou. Enxuguei o rosto, disfarcei e fui pegar uma tesoura; o único jeito era cortar a gola da camiseta.

Meus pensamentos não paravam de gritar em minha cabeça: Como pode isso? Em pleno século XXI! Não consegui mais filmar.

Saí devagar do galpão, me sentei debaixo de uma árvore e chorei. Chorei alto e soluçando.

Às vezes, precisamos sair de cena, nos recolher e deixar as lágrimas lavarem nossa dor.

Só conhecíamos Madagascar pela música Ilha do Amos, pelo desenho animado e pelos lêmures. Nunca imaginamos que poderia existir nessa ilha uma crise humanitária tão violenta. Perguntamos ao Wagner como ele tinha descoberto essas pessoas em um país tão distante.

Wagner nos contou:

“Certa vez, um padrinho me mostrou uma reportagem sobre o que acontecia no sul da ilha de Madagascar. ‘As crianças estão comendo cactos e tomando água suja’, ele me disse. Eu assisti a um pequeno vídeo e perguntei a mim mesmo como isso seria possível. Seria mesmo verdade? Quis ver de perto porque acredito que viemos ao mundo com uma missão: ajudar aqueles que vivem nas regiões mais pobres do mundo. Aquela área estava entre as mais miseráveis do planeta, vivia uma situação de catástrofe social, então eu iria lá conhecer.

A passagem era muito cara, e naquela época eu não tinha recurso. Nos quatro primeiros anos da Fraternidade, eu bancava todas as minhas viagens com o que tirava da empresa. Depois as coisas foram ficando difíceis no negócio e não tive mais condições de pagar do meu bolso. Falei sobre isso com uma amiga que, para minha surpresa, disse: ‘Eu faço questão de oferecer essa passagem’. Aceitei.

Chegando lá, eu mal podia acreditar no que encontrei.

Na primeira aldeia que visitei, logo me vi cercado por umas oitenta pessoas, crianças e adultos. Havia um tradutor comigo e começamos a conversar, mas fui ficando profundamente angustiado. Por onde eu olhava, via sujeira; as pessoas estavam sujas, muito sujas. As crianças tinham cascas no corpo, os cabelos duros de tanta sujeira e as roupas eram sempre rasgadas. E não vestiam roupa de criança: eram camisetas dos adultos, que iam até os pés, rasgadas.

Pedi ao tradutor que perguntasse às crianças quando tinham tomado banho pela última vez. Eu queria saber.

Elas responderam e o tradutor me disse: ‘Não tomam’.

Achei que ele não tivesse entendido a minha pergunta e repeti.

Ele me olhou, firme, e respondeu pela segunda vez: ‘Elas não tomam banho’.

Insisti uma terceira vez: ‘Olha, talvez seja a questão de tradução. O que eu quero saber é com que frequência essas crianças tomam banho: uma vez por semana, uma vez a cada 15 dias... Porque elas têm que tomar banho, pelo menos alguma vez’. Ele conversou mais um tempo com as pessoas e me explicou pacientemente: ‘Wagner, você é que não entendeu ainda. Elas não tomam banho; só se molham quando chove’.

Por mais que eu não quisesse acreditar apesar da resposta mais elaborada, fui pesquisando, visitando as casas e entendi que era real: os mais pobres só tomavam banho quando chovia. Sabão, nem pensar, porque era muito caro. Uma barra custaria 50 centavos de real. Quem tinha 50 centavos ali? Ninguém. Além do mais, eles não tinham acesso a esse tipo de coisa.

Naquela região, existem áreas onde demora até um ano para chover. Às vezes chove a cada três meses, às vezes à noite, às vezes está frio. **Ouvi relatos de crianças que nunca tomaram banho. Quando olhei o pé desses meninos, soube que me diziam a verdade. Havia crianças perdendo as extremidades dos dedos, de tanto bicho de pé.**

O banho era só uma pequena parte do problema. Aquelas pessoas faziam as necessidades em locais inapropriados. Encontrei famílias de seis, sete, oito, nove, 12 pessoas, morando em

um cubículo de um metro por um metro. Eu me perguntava como eles conseguiam dormir ali. Além disso, estavam claramente fracos e desnutridos, principalmente as crianças, que tinham um olhar vazio. Era visível, você olhava, as crianças não tinham bundinha, eram sequinhas, fraquinhas, os cabelinhos todos coloridos da desnutrição.

Tínhamos levado uns biscoitinhos e eles fizeram uma fila enorme. Cada um pegava um biscoito apenas, e todos quietinhos ali e felizes porque ganharam um biscoito.

Minha angústia só aumentava; aquilo não podia estar acontecendo em pleno século 21, com toda a riqueza que existe no mundo. Tínhamos que fazer alguma coisa. Perguntei se havia água ali. ‘Não, água é muito difícil, todos têm que comprar. Vinte litros custam 50 centavos de real, o mesmo que uma barra de sabão.’

Eu tinha algum recurso, não muito, e decidi usá-lo para comprar água, que seria entregue em um caminhão pipa. Também comprei balde, sabão, escova de dente, panelas grandes e comida. Havia outros voluntários ali; falamos com eles, se cozinhariam, e disseram que sim. No outro dia, bem cedo, preparamos um monte de comida. E chegou o caminhão pipa! Enchemos galões de água e fizemos um banhoço. Todo mundo tomou banho e escovou os dentes. Depois servimos refeições para todas as crianças. Nosso coração nos dizia: ‘Vamos fazer alguma coisa!’ Estávamos motivados para mudar a realidade.

Muitos falam de viver com pouco, mas **essa questão de viver com um ou dois dólares por dia é para quem tem renda. No caso aqui, não havia**

renda. Algumas famílias eventualmente conseguiam produzir mandioca e batata porque eram donos de pequenos lotes de terra, mas o clima nem sempre ajudava. Nos mercados locais, os únicos alimentos à venda são de produção local, as mesmas batata e mandioca. Mas poucos têm dinheiro para comprar. Muitas vezes, cultivam apenas para subsistência.

Em nossa primeira caravana a Madagascar, não fizemos uma avaliação precisa, mas calculamos que 80% das crianças que chegaram até nós tinha desnutrição. Havia casos muito graves, de crianças que não conseguiam sequer manter o pescoço ereto e eram pele e osso. Algumas, de tão debilitadas, morreram enquanto estávamos lá. Não tivemos condições de salvar. Eu me lembrava daquela história de que tem que ensinar a pescar, e não dar o peixe, mas ali tinha que dar o peixe. As crianças estavam morrendo.

Em todos os trabalhos humanitários nos quais me envolvi, **nada se comparava ao que encontrei em Madagascar, porque era uma situação de completo abandono. Fiquei com vergonha da humanidade. Vergonha de mim mesmo enquanto ser humano vivente nesse planeta.** Então tive certeza: **não é possível, não podemos aceitar isso.”**





**HAVIA CRIANÇAS
PERDENDO AS
EXTREMIDADES
DOS DEDOS,
DE TANTO
BICHO DE PÉ.**







**OUVI RELATOS
DE CRIANÇAS,**



**QUE NUNCA
TOMARAM BANHO.**







COM TODA A RIQUEZA QUE EXISTE NO MUNDO.

*"Minha angústia só aumentava; aquilo não
podia estar acontecendo em pleno século XXI."*





**VIVER COM UM
OU DOIS DÓLARES
POR DIA, É PARA
QUEM TEM RENDA.
NO CASO AQUI,
NÃO HAVIA RENDA.**





"Nada se comparava ao que encontrei em Madagascar, porque era uma situação de completo abandono. Fiquei com vergonha da humanidade. Vergonha de mim mesmo enquanto ser humano vivente nesse planeta. Então tive certeza: não é possível, não podemos aceitar isso."

PODEMOS SER A SOLUÇÃO
PODEMOS SER A SOLUÇÃO
PODEMOS SER A SOLUÇÃO





**NOSSO LAR É
ONDE NOSSO
CORAÇÃO
POSSA ESTAR**



MUITAS PESSOAS NOS PERGUNTAM: “QUANDO VOCÊS VOLTAM PARA CASA?”

Então é a minha vez de perguntar: “Qual casa?” A resposta mais frequente fala de paredes, teto... Um bem imóvel, enfim.

Penso assim: nosso corpo físico já é a nossa primeira morada, nossa casa. Se estamos no planeta Terra, já estamos em nossa segunda casa. Porém, o nosso Lar é onde o nosso coração possa estar, onde possamos dar e receber amor, contribuir para as pessoas se sentirem bem, e isso não cabe em um lugar físico, em um endereço fixo; está, sim, no coração daqueles que tocamos com o nosso olhar.

No dicionário, Lar é o local onde há harmonia, onde as pessoas vivem e sentem-se bem.

Para mim, Lar é o coração de cada ser humano que conhecemos.

Continuando no dicionário, se formos procurar o significado de Interdependência, encontraremos uma definição mais ou menos assim: “Interdependência é um conceito que rege as relações entre os indivíduos. Segundo esse conceito, um único indivíduo é capaz de, por meio de seus atos, causar efeitos, positivos e/ou negativos, em toda a sociedade. Ao mesmo tempo, esse mesmo indivíduo é influenciado pelo todo. Com isso, é possível dizer que todas as pessoas e coisas que rodeiam os seres humanos estão interligadas e afetam a vida de todos de maneira significativa.

Quando refletimos sobre o imenso impacto que pequenos gestos podem causar, chega-se à conclusão de que cada ato importa em uma relação de interdependência: a consciência de que o todo depende de um único indivíduo. E cada indivíduo depende do todo para existir.

Sendo assim, a interdependência pode ser

compreendida em termos da mútua dependência que existe entre as partes e o todo. Sem as partes, não pode haver o todo, e sem o todo, o conceito de parte não tem sentido. A ideia de todo implica partes, mas cada uma dessas partes precisa ser considerada como um todo composto de suas próprias partes.”

Resumindo: todos cuidando de todos! Ou seja, somos interdependentes. Tudo está interligado! Vivemos em um mundo integral no qual todos precisamos uns dos outros. Como falar de ecologia sem falar de educação? Sem falar de emprego, de violência... Sem falar de moradia? É difícil refletirmos sobre “casa” quando há milhões de pessoas morando nas ruas, em locais sem estrutura física, em famílias sem estrutura psicológica, em condições sub-humanas. É terrível chegar a um lugar que não tem o básico, como alimentação e moradia. No entanto, chegar a um local onde não existe o básico do básico – um banho, simplesmente –, nos mostra como é urgente fazermos tudo o que for possível para ajudar.

Nos deparamos com famílias que moravam em “casas” nas quais não conseguimos ficar de pé. E o que entristece o nosso coração é que conhecemos “casas de cachorro” maiores do que aquelas casinhas. Uma realidade atroz.

Wagner também tinha muito a nos ensinar sobre o que vimos:

"Quando encontramos uma situação humanitária tão grave, não há como nos omitirmos. E era o que tínhamos ali: crianças e mães desnutridas, famílias morando em lugares menores e menos estruturados do que uma casinha de cachorro, 12 pessoas dormindo em um mes-

mo cômodo. Como conseguiam dormir? Fiz essa pergunta, por incrível que pareça. Me contaram que ficam apertadinhos, uns de lado, outros na posição contrária e assim se amontoam. Uma desumanidade. E onde cozinham?, eu quis saber. Fazem assim: em um cantinho, montam um fogareiro com lenha e pedrinhas. Mas... o que cozinham? ‘Mandioca desidratada’, me disseram. Para evitar que o único legume disponível apodreça, as pessoas deixam ao sol para secar e cozinham a mandioca desidratada. Mas... o que resta da mandioca depois que fica seca? ‘Vira uma água de mandioca, que é o que comemos’, explicaram as famílias.

Diante disso, eu sempre penso em nós, enquanto humanidade, não podemos nos conformar. Essa movimentação íntima me levou a uma mobilização da sociedade, a expor essa situação para o maior número possível de pessoas para que elas também se sensibilizem e formemos uma corrente para mudar a realidade.

Encontramos uma família – duas crianças e a mãe deficiente física – dormindo em uma cozinha emprestada. Quando chegamos, estavam todos muito sujos de fumaça; além disso, também inalavam essa fumaça. Todos estavam desnutridos. Temos casos de velhinhos cuidando de três, quatro netinhos.

Em um dia frio, encontramos uma criança nua – não tinham com que vesti-la – dormindo sobre um saco de arroz, coberta por outro saco; era o melhor que a família, apertada em uma casinha velha, emprestada, podia fazer por aquele filho; os demais moradores dormiam no chão, mesmo. Um dos voluntários saiu chorando, porque realmente não tinha nada na casa.

‘Pelo amor de Deus, precisamos fazer alguma coisa’, ele nos dizia. Do lado de fora, vimos as três pedrinhas onde a família colocava os gravetos para cozinhar mandioca desidratada, a única coisa que tinham para comer.

Madagascar é uma ilha; venta muito e à noite o clima é bem fresco. Em alguns momentos faz muito frio, e para as pessoas que vivem nesses casebres com frestas é penoso. Há muitas crianças com tuberculose e pneumonia; crianças que não têm o que calçar e só têm uma roupa, de muitos anos.

O que mais nos pedem é cobertor, agasalho, chinelo. Mas é só o mais urgente, para trazer algum conforto imediato. Porque a verdade é que eles necessitam de tudo.

Era um quadro desesperador e que se repetia, de jeitos parecidos, em muitas casas. Existem milhares de pessoas que são extremamente pobres, mas tem algumas que não dá, por essas temos que fazer alguma coisa. **Ser solidário é ser humano, ser amigo, ser fraterno.”**

Ouvimos a explicação de Wagner calados, reflexivos. Por fim, completamos:

“Talvez esse trabalho seja o começo de uma mudança interna. Talvez ele desperte em nós a vontade de exercermos a nossa humanidade, o esforço de tentarmos ser verdadeiramente humanos nesse planeta que nos acolhe, nessa imensa casa chamada planeta Terra. Talvez consigamos ‘construir’ esse Lar no coração das pessoas.”











"Diante disso, eu sempre penso em nós, enquanto humanidade, não podemos nos conformar. Essa movimentação íntima me levou a uma mobilização da sociedade, a expor essa situação para o maior número possível de pessoas para que elas também se sensibilizem e formemos uma corrente para mudar a realidade."

UMA VIVÊNCIA

MAIS SOLIDÁRIA

MAIS HUMANA

MAIS FRATERNA

MAIS AMIGA





O AMOR É UNIVERSAL.



SER SOLIDÁRIO É SER
**HUMANO, SER AMIGO,
SER FRATERO.**





“Talvez esse trabalho seja o começo de uma mudança interna. Talvez ele desperte em nós a vontade de exercermos a nossa humanidade, o esforço de tentarmos ser verdadeiramente humanos nesse planeta que nos acolhe, nessa imensa casa chamada planeta Terra. Talvez consigamos ‘construir’ esse Lar no coração das pessoas.”





IRMÃOS

LEVAR AS NOSSAS
MÃOS EM DIREÇÃO
AO OUTRO

CERTA VEZ, CONVERSANDO SOBRE FAMÍLIA,

irmãos, filhos, pais e sobre sonhos, Wagner nos fez refletir:

“As pessoas chamam de utopia, mas meu sonho é o sonho de todo mundo: desejo uma humanidade onde não exista a miséria mais violenta de todas, que é a miséria humana. Meu sonho é que o ser humano não seja miserável. Que nenhum de nós seja miserável.

A grande questão, a maior miséria, a mais dolorosa, é a do coração humano. É isso que desencadeia todas as outras misérias. Então, meu outro sonho é que a gente construa nos nossos corações uma nova mentalidade, que é essa mentalidade sem fronteiras. Que não haja mais fronteiras ideológicas, religiosas, políticas, e que a gente seja uma grande nação, uma nação que se apoie, que se ajude. Uma nação onde não seja um problema dizer: ‘Ele é refugiado’, porque aquele ser humano não é um refugiado; é meu irmão, está entrando no país onde nasci e tenho a oportunidade de exercer

minha fraternidade com ele.

As pessoas perguntam: ‘Por que ajudar lá e não aqui?’ Antes eu me aborrecia, mas agora eu gosto de responder essas perguntas, porque é justamente o momento de a gente indagar: afinal, quem é meu pai, minha mãe, quem são meus irmãos, senão toda a humanidade? Será maravilhoso o dia em que a gente conseguir olhar para todos como uma grande família, uma grande nação; olhar de verdade, não da boca para fora. ‘Esse é meu irmão, o que eu posso fazer para ajudá-lo?’ Acho que é disso que nós, humanidade, precisamos. Esse é o meu sonho.”

Nesse ponto da conversa, com os olhos brilhando, Wagner se interrompeu e comentou:

“Nossa, por que às vezes é tão difícil falar de sonho?”

Eu tinha uma resposta: “Talvez você já esteja dentro do seu sonho, Wagner, transformando-o em realidade”.

Ele pensou um pouco e completou: “Acho que eu estou em plena construção desse sonho, por isso acredito que ele não está distante. Ele está em mim; está acontecendo aqui dentro do coração”.

Foi quando contei sobre um sonho antigo meu, de termos uma grande família biológica e adotiva. A cada vez que eu dizia que íamos para a África, muitas pessoas concluíam: “É agora que a Iara vai adotar uma criança africana”.

Mas há alguns anos venho me questionando sobre ter filhos meus.

Em um mundo de 7 bilhões de pessoas, cerca de 1 bilhão passa fome, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU). Em todo o planeta, cerca de três em cada dez pessoas —

totalizando 2,1 bilhões — não têm acesso a água potável em casa, e seis em cada dez — ou 4,5 bilhões — carecem de saneamento seguro, de acordo com o relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Fico pensando: será necessário eu engravidar para chamar de “meu filho”, só porque leva meu DNA? Ou filhos são todos aqueles que estão precisando de nossa ajuda? A qual família pertencemos, senão a uma família universal que habita o planeta Terra?

Outra reflexão: não será uma forma de egoísmo de minha parte querer adotar para simplesmente chamar um filho de “meu”?

Por outro lado, o instinto materno continua gritando nos meus ouvidos. Tenho 38 anos e meu relógio biológico não me deixa esquecer que posso gerar um filho dentro de mim. Nesses instantes, penso em outro grande desejo, o de uma criança chegar correndo, pular nos meus braços e me chamar de mamãe. Então, poderei dizer com orgulho para todos: Meus filhos! Meus filhos biológicos e adotivos, não importa: são Meus filhos.

Quem terá orgulho de mim? Não terei descendentes?

Ou será que toda a humanidade também é a minha descendência?

Todos são o meu próprio eu. E eu sou o que todos são. Somos todos um só!

A instituição família, no formato tradicional, é linda. Mas não podemos esquecer a concepção universal de raça humana. Também somos uma família universal.

Sigo tentando encontrar respostas nos momentos que vivemos diariamente.

Assim que chegamos em Ambovombe, uma cidade muito pobre, com cerca de 60 mil habitantes, em Madagascar, e colocamos os pés no Campo da Paz, um menino veio correndo, enfiou-se no meio de minhas pernas, entrelaçou seus braços em minhas coxas e olhou para cima. Ao mesmo tempo, quando olhei para baixo, era como se eu estivesse trazendo ao mundo um novo ser. A sensação que tive era de que ele estava saindo do meu ventre...

De repente, ele começou a sussurrar: “Iaiá, iaiá!”

Logo pensei: “Como pode esse menino saber meu nome, meu apelido? Acabamos de chegar, ninguém me conhece aqui”.

Sem hesitar, abaixei, peguei aquele garoto nos meus braços e disse: “Meu filho!”

Suas roupas completamente sujas, seus pés com os dedinhos cheios de feridas abertas — nada disso o impediu de acariciar meu rosto com suas mãos pequeninas. Mantive aquele menino colado ao meu corpo enquanto, com o outro braço, continuei meu trabalho, fotografando e filmando toda a energia e emoção da chegada dos caravaneiros. O tempo inteiro ele acariciou minha pele com seus dedinhos.

Quando me chamaram para entrar na casa que hospeda os caravaneiros, não pude levá-lo comigo, já que havia milhares de crianças ao nosso redor. Coloquei-o no chão e, olhando dentro de seus olhos, eu disse: “Meu filho, mamãe vai entrar, fique aqui. Não saia. Daqui a pouquinho mamãe volta”.

Ele ficou paradinho e eu entrei com o coração apertado e pensando: Meu Deus, eles falam malgaxe e estou falando português. Será que

ele entendeu?

Ao mesmo tempo, sabia que estávamos conversando por meio da linguagem do amor.

O fato de não entender o idioma também faz com que eu não julgue. Não importa o que a pessoa disse; importam seu sorriso, seu olhar e seu abraço. Sempre acreditei que não precisaria aprender outro idioma, porque gostaria de falar a língua do amor. E nessa viagem entendi absolutamente o significado dessa crença.

Passaram-se 15 minutos em que meu corpo estava na casa e meu coração lá fora. Saímos.

Fui correndo para o lugar onde tinha deixado meu filho. Procurei, procurei, olhava em cada rostinho e nada. Meu coração se apertou: cadê meu filho? E nada de encontrá-lo. Não sabia o nome dele, mas uma caravaneira tinha feito uma foto e me enviou. Sai mostrando a imagem e me disseram: “O nome dele é Bertan!”

O olhar desse menino me chamando de Iaiá. Foi algo que mexeu comigo. A vontade de estar e ficar com ele. Ele não queria nada, apenas o meu colo.

Anoiteceu e fui para o quarto. Deitada na cama, com as lágrimas descendo em meu rosto, briguei com Deus: Que sacanagem! Você coloca meu filho na minha frente e depois tira assim? Afinal de contas, o que Você quer de mim?

Minha consciência logo me repreendeu: Sua egocêntrica, você acha mesmo que ele estava pronunciando Iaiá ou será que você apenas queria ouvir o seu nome?

Você acha mesmo que ele quer ser adotado e afastar-se de sua comunidade, de seus costumes? Ou será você que insistentemente quer ser mãe?

Você não percebe que existem três mil crianças aqui que também precisam de sua ajuda? Não é apenas escolher um; você precisa ajudar três mil.”

Na mesma hora, senti um aperto forte no peito. Comecei a chorar alto e me fechei no banheiro, para não incomodar as pessoas que estavam dormindo no mesmo quarto. Lá, peguei uma caneca de água, lavei o rosto e mais uma vez entendi que precisamos fazer tudo o que pudermos para todos que precisam de ajuda.

Os dias passaram. Meu Deus! Não conseguia mais dormir. Ficava ouvindo o choro dessas crianças ao ser submetidas à retirada dos parasitas, dos bichos de pés. No entanto, mais ensurdecadora ainda é a alegria que cada uma delas tem no rosto. Mesmo com tanta dor nos pés, elas ainda conseguem acalantar o nosso coração com beijos e muito carinho.

De volta ao Brasil, me lembrei que tínhamos o contato de pessoas que trabalham no grupo que detém a marca Havaianas. Enviei uma mensagem dizendo que queria marcar uma reunião urgente e que estávamos precisando de ajuda. Imediatamente marcaram e lá fomos Dudu e eu. Tive tempo e acolhida para detalhar cada emoção que havíamos vivido e expressar o sentimento de que tínhamos que fazer algo.

Como iniciar uma nova jornada, sendo que o principal meio de locomoção daquelas crianças (que são os pés) estão sendo devorados por bichos de pé e parasitas?

É muito impactante, sim, porque não é uma criança; são todas as crianças.

Perguntaram de quantos chinelos precisávamos e explicamos que era uma comunidade de três mil crianças.

Passados alguns dias, recebemos uma mensagem: “Contem conosco. Vamos enviar 6.000 pares de chinelos!”

Meu coração se encheu de alegria e mais uma vez tive a certeza que estávamos no caminho certo.

Mas havia um desafio, ainda: precisávamos organizar a logística de buscar e armazenar os chinelos até o dia em que eles seriam enviados para a África, em um contêiner da Fraternidade Sem Fronteiras. Mandamos uma simples mensagem para nosso querido amigo Marco Antônio, que, em menos de meia hora, cuidou do transporte e autorizou o armazenamento na Patrus Transportes até o dia do embarque.

Tudo isso, tão rápido, me fez refletir: Talvez eu não tenha vindo a esse mundo para ter filhos, e sim para ir ao encontro de nossos irmãos.

Decidimos participar integralmente desse movimento chamado Fraternidade sem Fronteiras.

Participe você também. Mas não esperando que uma criança chame você de padrinho, pai ou mãe. Não para você se conectar com “seu” afilhado. Apadrinhe algum projeto que toque seu coração para que você possa dizer: “Eu também faço parte dessa linda família!”

Uns são felizes com o que levam no bolso, e outros com o impacto positivo que conseguem causar no mundo.





"Como iniciar uma nova jornada, sendo que o principal meio de locomoção daquelas crianças (que são os pés) estão sendo devorados por bichos de pé e parasitas?"

**QUEM É MEU PAI,
MINHA MÃE,
MEUS IRMÃOS,
SE NÃO TODA A
HUMANIDADE?**







ESSE É MEU
IRMÃO, O QUE
EU POSSO FAZER
PARA **AJUDÁ-LO?**

"Será maravilhoso o dia em que a gente conseguir olhar para todos como uma grande família, uma grande nação; olhar de verdade, não da boca para fora. 'Esse é meu irmão, o que eu posso fazer para ajudá-lo?'"











"A grande questão, a maior miséria, a mais dolorosa, é a do coração humano. É isso que desencadeia todas as outras misérias. Então, meu outro sonho é que a gente construa nos nossos corações uma nova mentalidade, que é essa mentalidade sem fronteiras."







"Uns são felizes com o que levam no bolso e outros com o que conseguem impactar positivamente no mundo."



“As pessoas chamam de utopia, mas meu sonho é o sonho de todo mundo: desejo uma humanidade onde não exista a miséria mais violenta de todas, que é a miséria humana.”

ESCOLA DA VIDA

Existe um provérbio africano que diz:

“PARA EDUCAR UMA CRIANÇA É PRECISO TODA UMA ALDEIA” .

Quando chegamos em Moçambique, Wagner nos contou sobre a importância do envolvimento de toda comunidade e entendemos o que isso quer dizer.

“O trabalho em Moçambique é muito interessante porque nós iniciamos com os próprios líderes espirituais das aldeias. Eles precisam ser consultados e, depois de ouvir a comunidade, nos cedem um espaço no meio da aldeia para construirmos os espaços de trabalho, usando material local, como palha e barro.

O aspecto cultural é muito importante. Pesquisamos na própria comunidade pessoas que sabem dançar e cantar as músicas tradicionais.

Isso dá uma força tremenda ao projeto, porque valoriza a cultura local. Nossas unidades são preenchidas por música, as pessoas são recebidas com cantos, uma energia superlinda.

Nós potencializamos o que há de belo neles. São maravilhosos, e só precisam de um pouquinho de estímulo. Isso a gente procurou fazer.”

Aí, contamos a ele uma vivência que tivemos no avião.

Para chegarmos a Moçambique e Madagascar, nosso voo fez uma escala na África do Sul. Durante a longa viagem, folheamos uma revista cujo nome era SAWABONA. Já conhecíamos a história, mas relendo, ela nunca fez tanto sentido como naquele momento. Para quem não conhece, segue:

“Há uma tribo africana que tem um costume muito bonito.

Quando alguém faz algo prejudicial e errado, os membros levam a pessoa para o centro da aldeia, e toda a tribo vem e o rodeia. Durante dois dias, eles dirão àquela pessoa todas as coisas boas... que ela já fez.

A tribo acredita que cada ser humano vem ao mundo como um ser bom, cada um de nós desejando segurança, amor, paz, felicidade.

Mas às vezes, na busca por essas coisas, as pessoas cometem erros. A comunidade enxerga aqueles erros como um grito de socorro. Então, une-se para erguer aquele que errou, para reconectá-lo com sua verdadeira natureza, para lembrá-lo de quem realmente é, até que ele se lembre totalmente da verdade da qual ele tinha se desconectado temporariamente: ‘Eu sou bom’. Sawabona! Shikoba!” SAWABONA é um cumprimento usado na África do Sul e quer dizer:

“EU TE RESPEITO, EU TE VALORIZO, VOCÊ É IMPORTANTE PARA MIM”.

Em resposta, as pessoas dizem SHIKOBA, que é: **“ENTÃO, EU EXISTO PARA VOCÊ”.**

Não existe ninguém totalmente bom ou totalmente mau neste mundo. Todos nós temos o bem e o mau dentro de nós. A diferença é que algumas pessoas querem fazer algo além do comum: Querem cuidar dos seus e de todos.

Bom exemplo, para nós, é sinônimo de transformação. É aquele que faz algo a mais pela comunidade onde vive. É ir além do limite da comodidade e pôr a mão na massa para realmente resolver ao menos uma parte dos problemas sociais do mundo.

Pessoas que querem um mundo melhor para todos e para sempre!

Várias vezes já ouvimos: “Eu sou um bom exemplo. Cuido de minha família e mais 200 funcionários”. Sim claro! Esse é um bom exemplo. Mas e a solidariedade, como fica? Cuidar da família e, caso tenha, dos funcionários é obrigação; será que não se pode fazer algo mais? Ir um pouco além?

É só isso mesmo que você sabe fazer? A grande sacada está aí, sabe? Fazer um pouco mais e sair da zona de conforto. Não estamos aqui para julgar quem é ou não é um bom exemplo. Queremos apenas mostrar que todos nós podemos fazer um pouco mais.

Existem algumas “mentirinhas” que o ser humano conta para si mesmo, não é?

“Eu pratico o bem, já que não faço mal a ninguém.”

Ora, isso é obrigação.

“Eu faço a minha parte, não joga lixo na rua.”

Oi? Isso é normal.

“Não tenho tempo!”

Será? Quanto tempo você passa em frente à TV assistindo a programas que apenas te deixam triste?

“Não sei o que fazer.”

Será que não sabe mesmo? Vá até a internet e procure algumas coisinhas.

“Tenho filhos para cuidar, marido, família.”

Mas quantas vezes fazemos coisas que qualquer um pode fazer, mas nos obrigamos a fazer para nos sentirmos especiais? Ou repetimos para nós mesmos: quando eu ganhar na megasena... Quando eu ficar rico... Quando eu formar... Quando eu... Quando eu...

Quantas vezes arrumamos tempo para um lazer que não estava previsto?

Outra coisa: a maioria dos bons exemplos que encontramos são pessoas que também têm família e todos os afazeres de uma vida comum. Até quando inventaremos desculpas para prorrogar a transformação no mundo? Até quando seremos apenas telespectadores? Precisamos ser protagonistas de algumas histórias.

Os bons exemplos que encontramos são pessoas comuns. Não são santos nem seres sobrenaturais. Têm seu trabalho, sua família, precisam da matéria para se alimentar e sobreviver, mas acima de tudo são seres que se preocupam em fazer parte da solução e não dos problemas do mundo.

Um amigo que nos enviou a seguinte mensagem:

“Viajei durante cinco anos pelo mundo e sabem quais os lugares mais perigosos que encontrei? O sofá diante da televisão... ao lado do balcão, seja de dentro ou de fora dele...a gela-

deira. Muitas pessoas estão se autodestruindo em vez de evoluir. Não precisamos de mais leis e justiça, precisamos de mais bom senso. Sabemos da lei da Ação e Reação, e vocês nos trazem também a Solução.

Quem é bom e quem é mau? Quem somos nós para julgar alguém?

Entretanto, dois tipos de humanos se destacam: os que levam desespero e os que pregam a esperança. **Vocês são como médicos na guerra. Não conseguirão acabar com a guerra, porém amenizarão as dores de quem está vivendo nela.**

O filósofo René Descartes dizia: “Penso, logo existo!” Imagina se complementássemos: Penso (no próximo), logo existo! **Ajudo o próximo, logo existo!**

Perguntamos ao Wagner o que ele considerava um bom exemplo. Ele respondeu:

“Um bom exemplo, para mim, é ser fraterno. **Quando você consegue olhar o outro como irmão e exercitar essa fraternidade, isso é um bom exemplo.**”

Eu disse: “Simples assim!”

Wagner continuou: “Sim. Uma vez, fiz a seguinte pergunta para um grande homem do Brasil: qual o sentido da vida? E ele me respondeu: ‘O sentido da vida é viver’. Falei: ‘Meu Deus, como assim, viver?’ Acho que eu esperava uma resposta mais elaborada. Então eu comecei a refletir: acho que o sentido da vida, para mim, é servir, é trabalhar servindo. Servir à vida. Viver e servir. Simples assim!”

Perguntamos ao Wagner se ele tinha mudado depois de criar a Fraternidade sem Fronteiras.

Ele respondeu: “O Wagner hoje é um Wagner mais consciente de si e do seu papel na vida.

Um Wagner que consegue olhar com mais clareza a vida. Quando eu falo mais clareza, é um Wagner que busca, cada vez mais, a simplicidade. O simples é extraordinário. Como o simples, o singelo e o pequeno podem ser tão extraordinários? Ainda estou no entendimento do que é verdade, do que é a vida. Eu estou começando a descobrir a vida.”

Completamos: “Aprendendo sempre, não é?”

Nós também aprendemos muito com uma pequena menina no Campo da Paz, em Madagascar. Aliás, não tem nome melhor para esse lugar, que nos leva a nos conhecer profundamente trilhando o caminho da paz, mesmo sendo um ambiente de muito sofrimento.

Eu estava fotografando quando senti algo me xendo em minha perna: era uma menininha brincando com um zíper no bolso da minha calça. Olhei, sorri, arrumei o zíper e continuei fotografando. Ela então começou a puxar a minha calça.

Pensei: Essa criança quer atenção.

Abaixei para ficar na linha de seus olhos. Nos olhamos por um segundo, olho no olho. Ela começou a acariciar meu rosto e sorriu.

Aquela menina não queria nada para ela; queria simplesmente me dar amor.

Podemos pensar que eles “não têm nada”, mas na verdade têm. Têm tudo de que um ser humano verdadeiramente precisa: o amor incondicional.

Mesmo com tantas dores físicas, essas crianças conseguem curar nossas dores da alma.

Conversando com a Talita, uma caravaneira, contei essa história, mostrei a foto e ela disse:

“O nome dessa menina é Matsoa, que em inglês significa ‘sweet’ e em português ‘doce’.”

Não sei se as traduções do malgaxe para o inglês e o português estão certas, mas sei que “doce” é o adjetivo mais perfeito para aquele ser humano que me deu tanto amor em poucos segundos.

Outro aprendizado que tivemos foi a observação de quantas crianças carregam seus irmãos nas costas. Foi muito forte para mim. Talvez pelas roupas rasgadas. Talvez por serem crianças. Talvez pelo sorriso que insiste em permanecer naqueles rostinhos.

O que elas expressam com esse gesto? “O que importa mesmo é meu irmão. Não há peso, não há fardo.”

E quantas vezes as pessoas carregam coisas desnecessárias na vida, não é? Bagagens que vão se desfazer nessa existência.

Às vezes só é possível enxergar as prioridades da vida se ampliarmos nossos horizontes e agirmos com o coração.

Em cada detalhe de nossa permanência na África, vimos resiliência e amor.

Wagner disse: “Eu acho que não existe outro caminho para o ser humano a não ser o caminho da fraternidade, da solidariedade, da simplicidade; o caminho da amizade, o caminho do respeito. Não há outro”.

Precisamos nos esforçar para caminhar nessas virtudes.

É incrível como podemos aprender na escola da vida.

Muitas dessas crianças africanas não vão a uma escola física. Aprendem debaixo de árvores ou em casas com frestas que deixam passar o vento. Sentam-se no chão ou em pedaços de madeira improvisados.

Mesmo com livros em pedaços, conseguem nos ensinar usando a enciclopédia da vida. Para nós, são super-heróis. Brincam com as dificuldades, driblam as mazelas e nos mostram que

O IMPORTANTE
É SERMOS LUZ
NA VIDA DE
QUEM PASSAR
PELO NOSSO
CAMINHO.





**MESMO COM
LIVROS EM PEDAÇOS,
CONSEGUEM NOS
ENSINAR USANDO
A ENCICLOPÉDIA
DA VIDA.**



"Apesar da escola ser debaixo de uma árvore... Apesar da água não ser potável... Apesar do banco ser um pequeno tronco desconfortável... Apesar dos livros serem velhos e sujos... Essas crianças sentem a luz!

A luz que vem do Sol, da árvore, do professor e de cada padrinho que as ajuda a ter pelo menos, 1 refeição por dia e não morrerem de fome. Eles agradecem simplesmente por estarem VIVOS!

A matemática que eles estão aprendendo no quadro, não é tão forte quanto a matemática do amor: $1+1=VIDAS$."



**PARA EDUCAR
UMA CRIANÇA,**



**É PRECISO DE
TODA UMA ALDEIA.**





Disciplina de Português 12 de julho.
Tema: Leitura do texto da página 21
A amizade mais mas
Um dia uma cabrinha e um cab
que e ãos ficaram sem a
muito, procurar, encontr
raquinha de madeir
desmantelada. Do
centado e quis logo

Aranja - la. Mas a
Contente:
- Não tem chamin
olha para aquele
telhado. Também
está cheio de pe
Cultivar nada.







"Quando você consegue olhar o outro como irmão e exercitar essa fraternidade, isso é um bom exemplo."







POTENCIALIZAR O QUE É BELO

"Nós potencializamos o que há de belo neles, e isso realmente traz uma força muito grande."







SORRIR







BRINGAR







CRIAR

"As vezes não temos os equipamentos necessários. As vezes não temos as ferramentas necessárias, mas para viver, muitas vezes é preciso criar e ter vontade de brincar."









SAWABONA

SHIKOBA

**EU TE RESPEITO,
EU TE VALORIZO,
VOCÊ É
IMPORTANTE
PARA MIM**



**ENTÃO, EU
EXISTO
PARA VOCÊ**



"Para nós, são super-heróis. Brincam com as dificuldades, driblam as mazelas e nos mostram que o importante é sermos luz na vida de quem passar pelo nosso caminho."



SEJA LUZI! SEJA LUZI!





"Vocês são como médicos na guerra. Não conseguirão acabar com a guerra, porém amenizarão as dores de quem está vivendo nela."



**QUE
MUNDO
VOCÊ
VIVE?**

Sempre nos fazem perguntas assim: “Em que mundo vocês vivem?”

“QUANDO VÃO VOLTAR PARA A VIDA 'NORMAL'?”

Vivemos em um mundo onde as pessoas não se comovem apenas com tragédias pontuais. Elas buscam soluções para que não ocorram mais tragédias pontuais e nenhuma crise humanitária contínua.

Vivemos em um mundo onde as pessoas se comovem e, principalmente, se movem para construirmos um lugar mais justo para todos.

Então, foi a nossa vez de perguntar ao nosso amigo: “E você, Wagner? Em que mundo você vive?” E ele nos contou:

“Eu vivo em um mundo em construção que

começa dentro de mim. É um mundo cujo foco está na busca verdadeira de uma vivência mais solidária, mais humana, mais fraterna, mais amiga, mais pacífica. **O mundo em que eu vivo é esse, um mundo que vive a busca verdadeira de fazer o que é certo.**

A princípio, eu fazia um trabalho dentro do meu grupo religioso, mas acreditava que as ações humanitárias tinham que ir além das fronteiras religiosas. O amor é universal. Eu tinha o sonho de juntar as várias crenças. **Um só povo, um só coração**, sem nacionalidades, sem fronteiras religiosas, sem fronteiras políticas; esse é o sonho que a gente vem materializando ao longo de tanto tempo. Todos juntos em prol da humanidade. **Muitas pessoas falam em uma aldeia global. Que legal, que ideia linda, mas efetivamente a gente não tem esse movimento de um só povo, pensando uns nos outros e criando uma grande corrente de amor.**”

Comentamos: “Muita gente foca só no problema, e vocês estão buscando a solução”.

Wagner concordou. “Nós somos o problema quando temos o egoísmo dentro de nós, quando temos a vaidade, a ambição desmedida. O interessante, porém, é que também somos a solução quando pensamos e agimos coletivamente; quando não pensamos apenas em nós mesmos e nos nossos. Somos resultado de milhares de pessoas que vieram antes de nós, daí a gratidão que devemos ter por nossos antepassados. Servir a essa coletividade que nos serviu é um meio de honrar todos eles.”

Explicamos a Wagner que muitas pessoas, quando nos veem, não percebem as dores que temos em nossa alma. E sempre comentam:

“Vocês são tão felizes!” A verdade é que estamos em busca dessa felicidade, tentando obedecer ao nosso coração. Mas é um trabalho diário, incessante e difícil.

Wagner pontuou: “Também estou construindo essa felicidade. Posso dizer que sou muito mais completo do que antes, mas estou no processo de completude, então sou parcialmente feliz. Porém, percebo que essa parcela cresce a cada momento, de tal forma que, para mim, o único caminho para a felicidade consiste em promover o bem. É um exercício da bondade que eu ainda não tenho, mas que eu começo a ter, mas começo a desabrochar. Somos um coletivo; existe muita gente boa no mundo. E quero acreditar que somos uma ponte entre os corações.

Outro dia ouvi uma música muito legal que dizia: ‘Sempre fica um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas’. E às vezes a gente se sente mesmo perfumado! Quando a gente percebe o perfume, ficamos felizes, mas não porque o perfume é nosso, e sim porque nosso trabalho é oferecer rosas. Quando a gente entende isso, Iara, fica claro o que é a felicidade. A felicidade é o caminho, não existe um fim; quanto mais você se dedica ao outro, à vida, mais você será feliz. Por isso foi tão difícil falar sobre o que é felicidade; nesse momento estou verdadeiramente me doando para a vida, para o universo, para o outro, para Deus, e nessa dinâmica estou feliz. Mas se daqui a um instante eu sair dessa conexão, não estarei feliz, por isso é tão difícil. O exercício vai nos moldando. Tenho fé em que, em algum momento da história, vamos ser felizes por com-

pleto, bons por completo. Por enquanto, não sou bom por completo, então não sou feliz por completo.”

Comentei com Wagner que sempre fui muito vaidosa e que antigamente minha felicidade baseava em minha aparência. Certa vez, fui ao banheiro e o pequeno espelho refletia um cabelo malcuidado, sem brilho. Um rosto com marcas de expressão fortes nos olhos e na testa, típicas de quem franze o semblante diante da luz do sol, o que torna a expressão mais séria e carregada. As rugas apareceram, e algumas pintas também! Olhei para mim mesma e vi o quanto a minha pele envelheceu... O quanto minha vida mudou! Chorei.

Com o tempo, aprendi que nossas rugas e cicatrizes são as medalhas de uma vida vivida intensamente. Minha vida mudou, sim! Mudou a rotina, mudaram as prioridades, mudaram os valores. **Deixei um pouco de minha vaidade para trás, mas estou levando comigo outro prazer: o de enxergar em cada ser humano que encontro pelo caminho uma beleza que vem do CORAÇÃO. Imagine se tivéssemos um espelho da alma!**

Percebemos que a humanidade precisa mudar o olhar para enxergar aquilo que de fato importa. Olhar o lado luminoso do ser humano, suas potencialidades e virtudes, mas principalmente a nossa irmandade.

Muitas pessoas se escondem atrás de desculpas para não ajudar. Vivem em núcleos, bolhas que podem estourar a qualquer momento.

Mas precisamos nos lembrar de que somos Um só povo (a raça humana), morando em uma só casa (o planeta Terra) e sendo Um só coração!



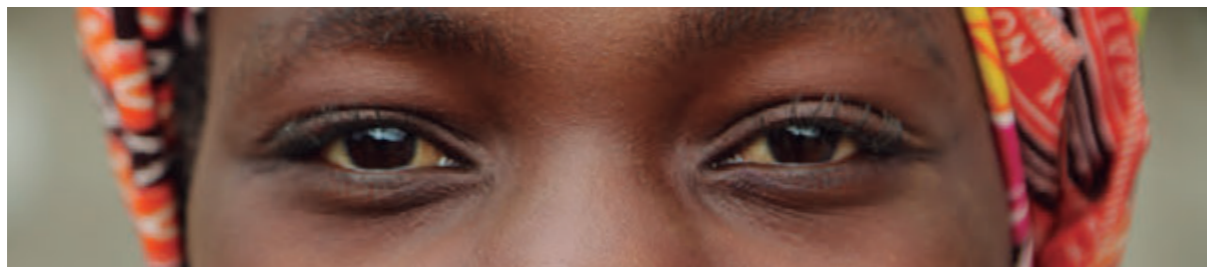
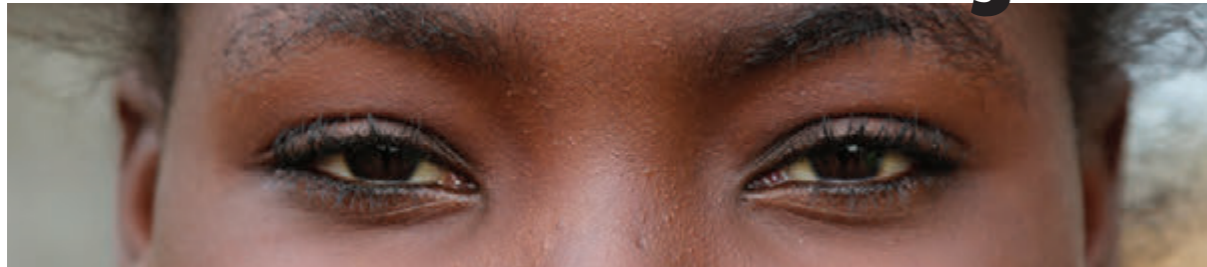
UM SÓ POVO, UM SÓ CORAÇÃO
UM SÓ POVO, UM SÓ CORAÇÃO







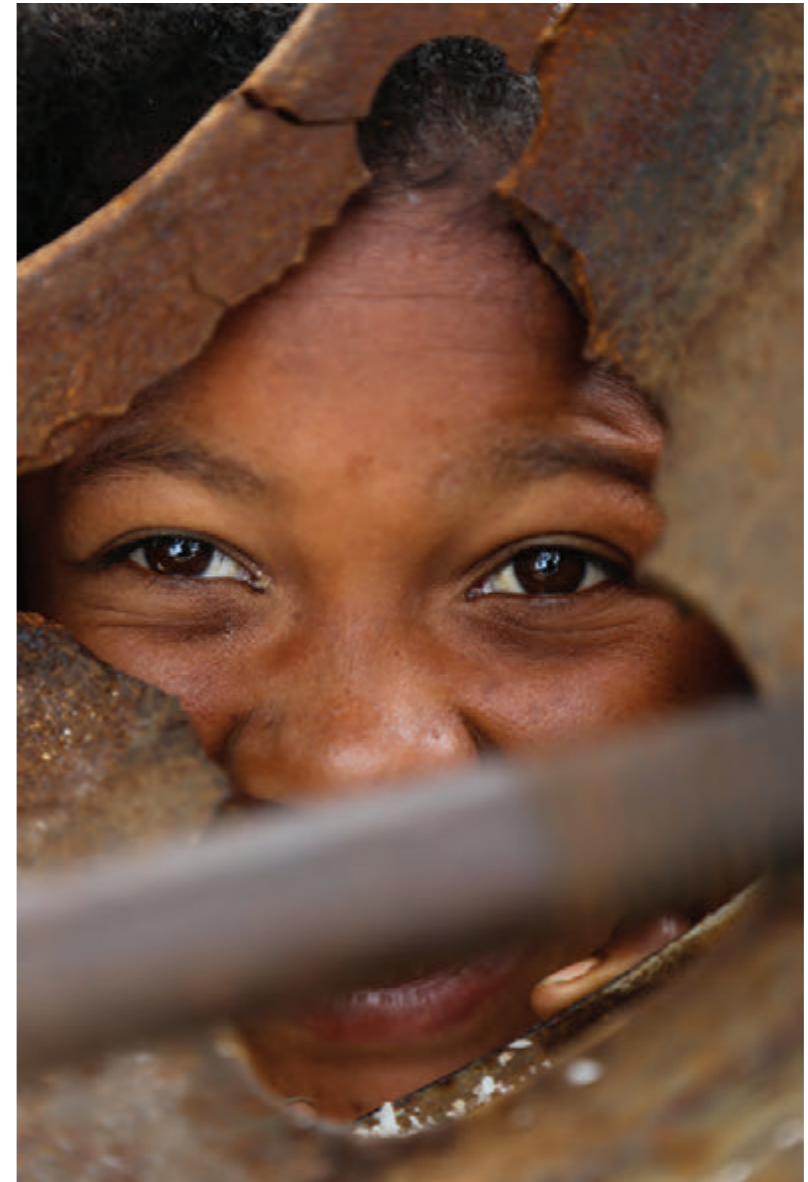
OLHE COM O CORAÇÃO.



OLHE DE VERDADE.









**O MUNDO
QUE EU VIVO
É ESSE, UM
MUNDO
NA BUSCA
VERDADEIRA
DE FAZER O
QUE É CERTO.**



IMAGINE SE TIVÉSSEMOS UM ESPELHO DA ALMA!

"Deixei um pouco da minha vaidade para trás, mas estou levando comigo outro prazer: o de enxergar em cada ser humano que encontro pelo caminho uma beleza que vem do CORAÇÃO."





"Percebemos que a humanidade precisa mudar o olhar para enxergar aquilo que de fato importa. Olhar o lado luminoso do ser humano, suas potencialidades e virtudes, mas principalmente a nossa irmandade."







NÓS SOMOS UM SÓ POVO.

**FALAVA-SE DE UMA ALDEIA, ALDEIA GLOBAL.
QUE LEGAL, QUE IDEIA LINDA, UMA ALDEIA
GLOBAL. SÓ QUE EFETIVAMENTE A GENTE
NÃO TINHA ESSES MOVIMENTOS, E A GENTE
QUERIA CRIAR UM MOVIMENTO QUE FOSSE
SEM FRONTEIRAS.**





UM MOVIMENTO DE AMOR

Perguntamos:

“NESSE MUNDO TÃO MARCADO PELO INDIVIDUALISMO,

como vocês conseguem envolver tantas pessoas?”

E Wagner respondeu: “É um movimento de amor lá (África), mas é um movimento de amor aqui, do outro lado do continente (Brasil), porque a gente começa a levar caravanas e caravaneiros, nos nossos projetos, da Fraternidade Sem Fronteiras.

São médicos, enfermeiros, professores, pedagogos, cozinheiros, nutricionistas... Enfim, são pessoas de todas as áreas que levam de tudo, mas levam principalmente o que têm de bom nelas mesmas. Há um espírito de união fraterna.

Hoje temos milhares de apoiadores, padri-

nhos e caravaneiros. São multiplicadores porque viram o projeto e se identificaram, porque se reconectaram a uma essência; reconectar-se à simplicidade fez todo o sentido para eles. Muitas vezes, quando chegam à África, nossos voluntários encontram pessoas que não têm praticamente nenhum bem material – quando têm, é uma panela, uma esteirinha. Conhecem gente que come dia sim, dia não. Ora, essas pessoas eventualmente são mais felizes do que elas. Claro, isso desperta uma reflexão: Peraí, o que é felicidade? Como assim? Afinal, eu tenho tudo! Tenho família, enquanto aqui muita gente nunca viu o pai, às vezes mora com a mãe ou com o avô; eu tenho casa, eu tenho carro, eu ganho dinheiro e guardo no banco... Peraí: como eles podem mais felizes do que eu? Dessa reflexão nasce um vazio muito grande, e as pessoas que encontramos aqui na África não têm esse vazio: mesmo na extrema pobreza, elas nos ensinam muito. Então, entramos no reino do ser, e não mais do ter. É uma lição de vida.

A Fraternidade faz isto com a gente: ensina a viver, a se reconectar consigo mesmo, com Deus e com o outro, e a dar valor àquilo que a gente realmente tem. Ela tem essa missão. É sempre muito lindo fazer campanhas e trazer caravaneiros para cá. Conhecemos médicos que pagam suas passagens, enfermeiros e voluntários que trabalham o ano todo para custear a viagem e vir fazer trabalho humanitário aqui ou em outros locais. Eles arrecadam remédios e doações, e essa ajuda é muito importante. Mas nosso objetivo maior não é esse. A missão maior de cada um aqui é conseguir olhar o ou-

tro como irmão. **Então, antes de eu ser engenheiro, médico, enfermeiro, arquiteto, eu preciso ser irmão. É isso que muda tudo.**

Muita gente chega aqui achando-se o ser humano bom que está vindo ajudar os necessitados. Na prática, não é assim. Com frequência, são eles que nos ajudam a despertar a humanidade que temos dentro de nós, a olhar realmente tudo aquilo que a gente acha que é fundamental na nossa vida. Eles nos ensinam: sabe aquilo que você acha que é tudo pra você? Não é nada. **Repense. O que é necessário na sua vida? O que é importante, realmente, para você? Aprendemos demais com eles. A gente traz muito para eles, com todo o amor e carinho, mas eles vêm com uma bandeja muito maior para nós, ofertando uma reflexão essencial: Olha, repense a sua vida, quem é você nesse mundo?**

Esse trabalho faz muito isso por nós: nos reconecta à nossa essência de humanidade. Nos faz entrar em um fluxo de verdade, de honestidade, ou pelo menos da tentativa do amor de verdade e da conexão com o outro. A fraternidade nos oferece a oportunidade dessa reconexão com Deus e conosco. Isso é tão forte que a todo tempo recebo pessoas que querem saber como ajudar. Eu devolvo a pergunta. Digo a elas: ‘O que você acha que pode fazer para ajudar?’ E a própria pessoa cria várias possibilidades. Hoje temos uma corrente fraterna espalhada pelo mundo inteiro. Sei de gente que reúne os amigos toda semana, vende docinhos e a cada seis meses manda para a Fraternidade Sem Fronteiras o valor arrecadado. Sei de gente que pede de doação como presente de ani-

versário; de pessoas que se reúnem para costurar roupas para as nossas crianças. São pequenos exemplos de dedicação e de amor. E são necessários, porque temos projetos grandes, **são 6 países, 15.000 acolhidos, 45 polos de trabalho, 700 jovens na escola, 428.000 refeições por mês.**

Em Moçambique, um dos maiores, atendemos mais de 10 mil crianças.

Acolhimento: Acolhemos crianças das aldeias moçambicanas que viviam na extrema miséria, a maioria delas órfãs de pais mortos pelo HIV. Em ambiente de incentivo à vivência fraterna, recebem alimentação, cuidados com a saúde, orientação à higiene, participam de atividades pedagógicas, recreativas e culturais.

Educação E Fraternidade: As crianças frequentam o centro de acolhimento em horário alternativo ao da escola. Muitas foram matriculadas, pela FSF, depois que entraram no projeto. Antes, precisavam trabalhar para conseguir se alimentar.

Cultura: A dança e a música são fortes expressões da cultura africana. Nos centros de acolhimento, incentivamos a arte como fonte de alegria à vida.

Crianças e jovens formam grupos, ensaiam coreografias, cantam e se apresentam, contagiando a todos em momentos de boas-vindas e confraternização.

Estudo para os jovens: As primeiras crianças que chegaram ao projeto, hoje são jovens e continuam sendo acolhidos pela FSF. Os padrinhos dão a eles a oportunidade de seguir com os estudos – nas aldeias, as aulas vão só até a 6º classe. Os jovens recebem auxílio para trans-

porte até a cidade, matrícula e material escolar. Especiosa Marge é uma das primeiras crianças acolhidas e hoje está na Universidade.

Capacitação Para O Trabalho: Nos centros de acolhimento, os jovens também participam de cursos de capacitação para o trabalho. Aprendem a cultivar a terra, a fazer artesanato com material local, corte e costura, batik (pintura em tecido) e outros. Assim, vão conquistando autoestima, confiantes em um bom futuro.

Padaria FSF : Um Bem Para Todos - Com a ajuda de apoiadores, implantamos uma padaria no centro de acolhimento da aldeia Muzumuia. A iniciativa gerou trabalho para adultos, oportunidade de aprender um ofício para os jovens e a comunidade teve acesso ao pão, por menor valor e mais perto.

Trabalhadores Contratados: A FSF contrata trabalhadores locais para atender as tarefas do centro de acolhimento - cozinheiros, educadores sociais, auxiliares administrativos e outras funções. Algumas pessoas da comunidade são contratadas temporariamente para trabalhar em obras dos centros de acolhimento.

Idosos: Muitos idosos das aldeias moçambicanas moram sozinhos e têm dificuldades para se locomover. Amparamos, construindo casinhas novas para eles e jovens, acolhidos pela FSF, levam alimentação aos vovôs e vovós que não conseguem andar.

Água Para A África: Perfuramos poços artesianos profundos, vencendo camadas de rochas, para ofertar água limpa e em abundância à comunidade das aldeias. Mães com os filhinhos nas costas andavam quilômetros até a beira do rio seco, para cavar pocinhos e retirar dali al-

guns litros de água não potável e atender todas as necessidades da família.

Cultivo Nas Aldeias: A chegada da água permitiu o início do plantio agroecológico, visando a autossustentação alimentar do projeto. No centro de acolhimento de Muzumuia, o cultivo sustentável, em fase piloto, já dá os primeiros frutos e a colheita vai para os pratos das crianças. Jovens, filhos de agricultores, aprendem a produzir aproveitando os recursos da natureza, e as crianças participam de atividades de educação ambiental.

Unidade Modelo: Mantemos 24 centros de acolhimento nas aldeias de Moçambique localizados dentro de uma área que abrange 700 quilômetros, indo de Barragem, próximo a Maputo, a Chicualacuala, na fronteira com Zimbábue. Na aldeia Muzumuia, implantamos a estrutura modelo para os centros de acolhimento. Tem cozinha, salas de aula, banheiros, padaria, salas para cursos profissionalizantes. O objetivo é levar a mesma estrutura para todos os centros de acolhimento. Em algumas unidades, ainda precisamos de cozinhas, banheiros, salas, para oferecer condições adequadas aos trabalhadores e melhor acolher as crianças.

Projetos Pilotos: Na unidade modelo, em Muzumuia, são desenvolvidos projetos pilotos com a possibilidade de se estenderem para os demais centros de acolhimento. Entre as ações de caráter piloto, de iniciativa de voluntários, estão curso de flauta, aulas de capoeira e ensino à distância

Em Madagascar, damos assistência a cerca de 3,5 mil crianças e mães vulneráveis. Temos a Unidade 1, que atende 462 crianças que vi-

viam nas ruas, no contraturno. Também em Madagascar temos o **Campo da Paz**, com mais de 700 famílias cadastradas. Na **Cidade da Fraternidade** construímos 100 casas para as 100 famílias mais pobres, escolhidas por nós. São pessoas pobres, pobres, pobres, que realmente não tinham nada. Viviam em cômodos miseráveis, sem banheiro, fazendo as necessidades em qualquer lugar. Estavam doentes, com bicho de pé e sarna. Sonhamos com um espaço onde pudessem reiniciar a sua vida e oferecemos a elas 100 casinhas com acesso a água limpa, algo que elas não conheciam, e banheiros coletivos. O próximo passo é orientar o plantio agroecológico. Estamos deslocando para lá uma equipe que vai ajudá-las a obter o próprio sustento a partir da agrofloresta. Já começamos um projeto piloto com biocarvão, que utiliza a casca de mandioca e outros resíduos para fabricar carvão e, assim, evitar a exploração das árvores que existem no país. Também organizamos oficinas de corte e costura para empoderar as mulheres e criar uma comunidade autossustentável.

No Senegal, temos o **Chemin Du Futur**, um orfanato onde vivem cerca de 20 jovens. Estima-se que pelo menos 30 mil meninos não tenham um lar em toda a região de Dakar, a capital do Senegal. Segundo a ONU, este é o maior fenômeno de crianças de rua do mundo.

No Haiti, estamos ajudando um projeto do coração de Jean Inoclaire François - refugiado haitiano que morava e trabalhava no Brasil e enviava dinheiro ao Haiti para sustentar a família e quase 200 crianças. Ajudamos na construção da escola Escola Gnose de Village Quosqueya Hinche para alfabetizar e alimentar cerca

de 500 crianças.

E no Malawi, a "**Nação Ubuntu**", que fica em um campo de refugiados, que existe há 24 anos. Embora tenha sido instalado para atender um momento emergencial, de crise, a grande maioria das crianças e jovens não tem acesso a escola, o alimento oferecido é insuficiente e não há oferta ou criação de oportunidade de trabalho. Nosso ideal é mudar as histórias de vida e oferecer a crianças, jovens e toda a população de 38 mil refugiados e malauianos em situação de vulnerabilidade um novo modelo de vida - uma nova oportunidade. Aos poucos, estamos apresentando a eles a proposta de convivência e sentindo a resposta do coração de cada um.

Temos muitas ações na África, mas não des-cuidamos do Brasil. Vou dar alguns exemplos de projetos dos quais cuidamos aqui.

Em Campo Grande (MS), apoiamos a Orquestra Filarmônica Jovem Emmanuel, com jovens da periferia, que reúne mais de 35 jovens músicos, e criamos a Fraternidade na Rua, um projeto de apoio à **Clínica da Alma**, que trabalha com dependentes químicos. Em Campina Grande (PB), apoiamos o projeto "**Microcefalia, ciência e amor**", aonde trabalhamos com crianças com microcefalia. Então, temos mais de 120 crianças sendo trabalhadas, recuperadas, ganhando qualidade de vida.

Em Boa Vista, temos o "**Brasil, um coração que acolhe**", amparando famílias inteiras que estão vindo da Venezuela em condições muito precárias. Já atendemos perto de 300 pessoas. Em Retiroândia, estamos apoiando o **Retratos da Esperança**, um projeto muito legal que começou através da fotografia e hoje transforma

a vida da população no sertão da Bahia. Tem também na Bahia, em Caculé, uma base extraordinária da Aline, fazendo um trabalho fantástico no **Jardim das Borboletas** que atende crianças com Epidermolise Bolhosa que precisam de remédios, conhecimento e assistência.

Ouvimos Wagner descrever seus projetos com um misto de esperança e encantamento. Dei um suspiro profundo e me lembrei de um texto que li há tempos na internet. Não sabemos quem é o autor, mas decidimos compartilhá-lo com nosso amigo. Comecei a contar, de memória: “Um antropólogo estava estudando os usos e costumes de uma tribo na África. Quando terminou seu trabalho, teve que esperar pelo transporte que o levaria até o aeroporto e, de lá, de volta para casa. Nesse tempo que sobrou, decidiu propor uma brincadeira para as crianças, que achou ser inofensiva.

Comprou uma porção de doces e guloseimas na cidade, colocou tudo em um cesto bem bonito enfeitado com laço de fita e deixou-o debaixo de uma árvore. Chamou as crianças e combinou que quando ele dissesse ‘Já!’ elas deveriam sair correndo até o cesto. Quem chegasse primeiro ganharia todos os doces que estavam lá dentro.

As crianças se posicionaram na linha demarcatória que ele desenhou no chão e esperaram pelo sinal combinado. Quando ele disse ‘Já!’, instantaneamente todas deram-se as mãos e saíram correndo juntas em direção à árvore com o cesto. Chegando lá, começaram a distribuir os doces fraternalmente, muito felizes. O antropólogo então perguntou a elas por que tinham ido todas juntas, se uma só poderia ficar

com tudo o que havia no cesto.

Elas simplesmente responderam: ‘Ubuntu, tio. **Como uma de nós poderia ficar feliz se todas as outras estivessem tristes?**’ Ubuntu significa: ‘Sou o que sou graças ao que **NÓS SOMOS!**’

Atente para o detalhe: pelo que **SOMOS**, não pelo que temos...

Uma pessoa com Ubuntu está aberta e disponível para os demais. Não está preocupada em julgar os outros como bons ou maus; tem consciência de que faz parte de algo maior e que, quando um de seus semelhantes é diminuído, humilhado, torturado ou oprimido, não há como estar feliz. Uma tentativa de tradução para a Língua Portuguesa poderia ser: “Humanidade para com os outros”.

Ou: “A crença no compartilhamento que conecta toda a humanidade”.

Será que temos essa mesma sensação, de que não podemos ser felizes se outras pessoas estão tristes? Como podemos ser indiferentes ao sofrimento alheio?

Afinal de contas, **Eu Sou porque NÓS SOMOS!**

UBUNTU

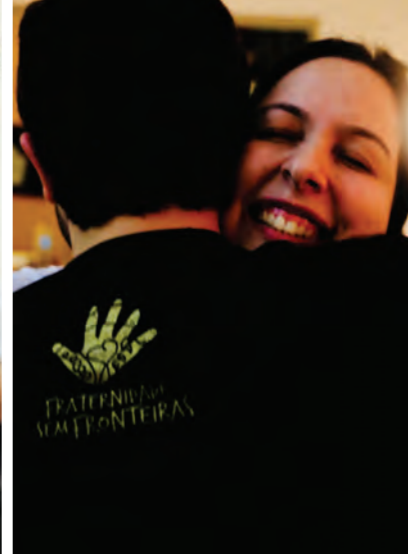
EU SOU PORQUE NÓS SOMOS.

ANTES DE EU SER
ENGENHEIRO, MÉDICO,
ENFERMEIRO, ARQUITETO,
EU PRECISO SER IRMÃO,
EU PRECISO OLHAR
O OUTRO COMO IRMÃO,
ISSO MUDA TUDO.









REPENSE.



"O que é necessário na sua vida? O que é importante, realmente, para você? Então, aprendemos demais com eles. No que a gente vem trazer com todo o amor, carinho, eles vem com uma bandeja muito maior para nós, ofertando, dizendo, "Olha, repense a sua vida, quem é você nesse mundo"? Então esse trabalho faz muito isso com a gente, reconecta a nossa essência de humanidade."











SIM

E FIM!

CHEGOU O DIA E PRECISÁVAMOS PARTIR.

Uma sensação estranha tomou conta de minha alma. Era como se estivéssemos no outro lado da montanha. Um lugar perdido, esquecido. Um mundo paralelo. Ancestral. Era como se a humanidade não estivesse no século XXI.

Não conseguia escrever nada, não conseguia expressar nada. Queria apenas sentir... e senti. Senti uma imensa gratidão pelo universo, que tinha me presenteado com a oportunidade de estar na África. Que delícia de carinho!!! Quanto amor e quanta energia boa ofertamos e recebemos lá. Meu coração continuava disparado, o corpo tremendo, as lágrimas escorrendo pelo meu rosto. Um leve sorriso insistia em marcar minha bochecha tentando esconder a dor da partida. Era a mais pura energia vital percorrendo as minhas veias.

Passou muito rápido, mas foi muito intenso. Intenso do primeiro ao último momento em que estivemos na África.

Já era a noite do primeiro dia de atendimento médico em Ambovombe, Madagascar. Não havia iluminação suficiente no galpão da clínica médica e, portanto, já deveríamos ter encerrado os atendimentos. Mas ninguém saiu dali. Todos estavam anestesiados com o sofrimento daquele povo.

Haviam muitas crianças, com os pés cheios de feridas – uma situação que pouco conhecemos no Brasil, mas que é muito comum em países africanos cujo povo vive sob extrema pobreza. Uma infestação de bicho de pé. As crianças corriam o risco de perder as extremidades dos pés se os médicos não removessem logo aquela quantidade inacreditável de parasitas. Eles tinham penetrado na pele e causado lesões doloridas. Um dos médicos, era o Nicolas, que tinha feito residência em ginecologia e obstetrícia, com subespecialização em reprodução humana e endoscopia ginecológica. Naquele momento, porém, ele estava sentado no chão de terra, com uma bacia de água, lavando os pés de uma criança. Ali não estava o especialista, o grande profissional; ali estava um ser humano.

Ao som do choro da criança, ele desabafou: “Não sou muito religioso, mas neste momento estou me sentindo dentro da Bíblia”.

Dani, uma enfermeira que exala amor pelos olhos, também estava na sala. Foi ela que ficou segurando a criança, e não havia muito mais que pudesse fazer. Naquele momento, naquele lugar, ela não tinha nenhum anestésico tópico para aliviar um pouquinho que fosse a dor daquela criança. O amor era o maior remédio disponível.

No escuro, Dudu pegou o celular e ficou ilu-

minando a cena para que eles pudessem realizar trabalho. Eu estava muito emocionada, tentando registrar aquele momento.

Todos tentando fazer o que era preciso fazer. Passaram-se os dias e, na despedida, Nicolas me abraçou chorando:

“Preciso contar a vocês o que mudou em mim. Lembrem do primeiro dia, em que vocês estavam iluminando aquela criança para que eu realizasse o meu trabalho?”

Balançamos a cabeça, dizendo que sim. Ele continuou:

“A criança gritava bastante, chorava e se debatia. Naquele momento, uma série de emoções conflitantes começou a passar pela minha cabeça. Fiquei me perguntando o que eu tinha ido fazer ali. Será que aquilo era realmente era necessário? Será que essa criança entendia o que eu estava fazendo por ela? Será que um dia ela entenderia? Será que eu estava certo na minha conduta? Ao final do procedimento, a criança estava visivelmente apavorada, e por dentro eu também estava.

Porque, por mais condições de pobreza que tenhamos no Brasil, por mais que faltem recursos ao SUS, nada se compara ao que estou vendo aqui; de verdade, nada se compara. Pobreza não me afeta: eu trabalho em lugares muito pobres, também, pelo SUS. Mas a concentração de pobreza aqui é muito grande e a falta de recursos é total. Fiquei profundamente tocado.

E nessa hora de reflexão, eu olhei para você, Iara, você olhou para mim, bastante emocionada, e me disse ‘Gratidão’. Aquilo teve um significado muito grande para mim. Eu nunca entendi por que muitas pessoas me agradeciam

dizendo gratidão, em vez de obrigado. Eu não via sentido nisso. Mas naquela hora a gratidão nos seus olhos significou muito para mim. Você me deu o colo de que eu precisava, porque eu estava destruído por dentro.” Senti um arrepio percorrer meu corpo e lágrimas descenderem pelo meu rosto. Disse:

“Eu realmente estava muito grata por todos vocês estarem ali, ajudando tantas pessoas que vocês nem conhecem, em um lugar tão distante. A criança precisava de você, você precisava de nós e nós precisávamos daquele momento.”

Tem uma frase de que gosto muito: **Ninguém é tão bom quanto todos nós juntos**. Perguntei ao Nicolas se ele sabia o que significava para nós a palavra gratidão. Ele respondeu que não. “Falamos ‘gratidão’ quando a gente quer dizer muito mais do que um simples obrigado.” E nesse momento nos abraçamos, choramos juntos com um sorriso no rosto e o sentimento de gratidão no coração.

Por isso esse movimento da Fraternidade Sem Fronteiras é tão lindo: ele conecta médicos, enfermeiros, engenheiros, empresários, dentistas, artistas, religiosos, gente de todas as profissões, todas as pessoas juntas para construirmos um mundo melhor. Todos vocês, todos nós somos muito importantes.

Não conseguimos citar neste livro o nome de todos aqueles que fazem parte dessa história, de Andrei a Alok, de Gilmara a Gisele, de Sueli a Suellen, de Marcia a Marcus, de Clarissa a Claudete, de Wania a Walter, de Ranieri a Raquel, de Edelberto a Edmar, de Denize a Débora, de Aline a Ana, de Lercy a Letícia, de Flávia a Fabiana, de Marília a Mateus, de Silmar a

Gilmar, de Wender a Wellington, de Angelita a todos os anjos, tantos Joãos, Josés, Marias, tantos caravaneiros e apoiadores desta causa, que teríamos o alfabeto inteiro nestas páginas. Mas conheço uma frase que representa a importância de todos nós:

Missões se fazem com os pés dos que vão, com os joelhos daqueles que oram e com as mãos daqueles que contribuem.

Somos e seguiremos como uma família. Muitas vezes não estaremos juntos fisicamente, mas, de alguma forma, estaremos todos conectados nesta jornada em busca de uma Fraternidade sem Fronteiras.

Que possamos conectar nossas melhores energias e seguirmos espalhando amor em todas as partes do mundo.

Que possamos dizer sempre 'Sim' para uma vida com mais propósito e que valha a pena viver! Simplesmente... que não haja mais fronteiras para amor e para a solidariedade! Que possamos sempre lembrar que somos Um só povo! Um só coração!

SIM e FIM!



MISSÕES SE FAZEM COM OS PÉS
DOS QUE VÃO, COM OS JOELHOS
DAQUELES QUE ORAM E COM AS
MÃOS DAQUELES QUE CONTRIBUEM.







GRATIDÃO
GRATIDÃO
GRATIDÃO



NINGUÉM

É TÃO BOM

QUANTO TODOS

NÓS JUNTOS.

Para saber mais informações sobre os bons exemplos que encontramos pelo caminho, visite:

WWW.CACADORESDEBONSEXEMPLOS.COM.BR



CACADORDEBOMEXEMPLOS



CACADORESDEBONSEXEMPLOS



CACADORESDOBEM



CONTATO@CACADORESDEBONSEXEMPLOS.COM.BR

Você também cansou de ouvir notícias ruins?
Increva-se e assista todos os vídeos no nosso canal de YouTube.

CACADORESDEBONSEXEMPLOS

ESCANEE O QR CODE
PARA VER OS VÍDEOS DO
PROJETO FRATERNIDADE
SEM FRONTEIRAS



FRATERNIDADE.SEMFRONTEIRAS



FRATERNIDADESEMFRONTEIRAS



CONTATO@FRATERNIDADESEMFRONTEIRAS.ORG.BR

WWW.FRATERNIDADESEMFRONTEIRAS.ORG.BR

CAÇADORES DE BONS EXEMPLOS

